

Arte, cidade, erotismo e pornografia

Roaleno Costa

Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (1988), mestrado em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professor titular da Universidade Federal da Bahia.

Resumo

A distância que separa a vida íntima e a vida pública evoluiu no decorrer dos séculos em conveniência da evolução dos interesses políticos. A análise da parte consentida a sexualidade na cidade, percebida como representação física da expressão do capitalismo, permite se abordar a ambivalência das discussões que estruturam os comportamentos sociais adotados em relação à sexualidade e de suas representações na sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: Sexo, rerepresentação, público/privado, política e cidade

ART, VILLE, ÉROTISME ET PORNOGRAPHIE

La distance qui sépare vie intime et vie publique a évolué au cours des siècles au gré de l'évolution des intérêts politiques. L'analyse de la place accordée à la sexualité dans la ville, perçue comme représentation physique de l'essor du capitalisme, permet d'aborder l'ambivalence des discours qui structurent les comportements sociaux adoptés vis à vis de la sexualité et de ses représentations dans la société contemporaine.

Mots clés : Sexe – représentation – public/privé – politique – ville

As cidades modernas estabelecem com seus habitantes, relações objetivas e subjetivas constituídas de um discurso que estrutura o comportamento social público e privado, deslocando valores da intimidade para a esfera coletiva, amparado por interesses de um sistema capitalista, atento aos mecanismos de produção, que exerce seu poder controlador e estabelece hierarquias de convivência entre os habitantes.

A vida sexual e suas variadas formas de expressão e ação estiveram durante os séculos VII, VIII e XIX, subordinados a um discurso repressivo, atendendo a interesses políticos burgueses e cristãos, que faziam do silêncio, estratégia para omitir e deixar invisível a mais profunda e prazerosa prática humana e por isso, libertária e transgressora de regras e normas. Construído a partir de interesses políticos, o conceito de “pornografia” vem reforçar um conjunto de ações repressivas às representações sexuais livres que denunciavam as práticas nem tanto do sexo, mas da hipocrisia social.



Foto 1 - Esculturas de pênis erectus nos arredores da cidade de De lus-300 AC

As fronteiras entre vida íntima e vida pública é característica de uma vivência urbana moderna, em que o individualismo dimensiona novas formas de comportamento social. O urbanismo moderno, as vias de acesso, as construções verticais e as grandes distâncias, alteram a percepção de tempo e espaço das cidades, configurando espaços de permanência ou percurso. É neste território de diversidade e aglomerado sógnico que a arte pública se implanta.



Foto 2 - Christo-Embrulho de 5,6 metros quadrados - 1968

As praças, ruas, avenidas, cantos e becos, abrigam inúmeras manifestações artísticas, mas as de caráter erótico ou pornográfico, estabelecem diálogos muitas vezes conflituosos, que questionam os limites entre o comportamento íntimo e coletivo e as relações de poder.



Foto 3 -Christo - Surrounded Islands, Biscayne Bay, Greater Miami, Florida, 1983

Dois conceitos são fundamentais à compreensão desta reflexão: público e privado. Embora não tenha sido a primeira vez que as palavras “público” e “privado” foram usadas, é perto do século XVII que elas adquirem significados próximos aos utilizados na atualidade: “público” significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto “privado” significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos” (Sennet,2004 p.30). A vida social compartilhada entre a coletividade, onde mesmo as decisões em família consideravam as expectativas do grupo de parentes, vizinhos e conhecidos, aos poucos foram modificadas para uma vida privada mais reservada e individualista, estimulada pelo sistema capitalista que promove um sentimento de ansiedade e uma busca romântica de auto-realização. Assim, os espaços públicos diminuiriam consideravelmente seu papel político de convivência e decisões coletivas. Gradativamente os espaços das cidades modernas, transformaram-se em vias de percurso atendendo as necessidades de ir e vir com rapidez, diminuindo as distâncias e instaurando outra percepção de tempo e espaço. Estes espaços assumem, assim, uma derivação do movimento, resultado da trajetória dinâmica dos carros particulares que, na prática, estabelece o espaço público como passagem e não como permanência.

Neste cenário moderno que se modifica rapidamente e adquire novas configurações, a experiência erótica e sexual vem sendo redefinida. Enquanto que o erotismo vitoriano envolvia relacionamentos sociais, a sexualidade moderna envolve a identidade pessoal. Estas relações potencializam-se com novas possibilidades de espaço público, onde se compartilham idéias e se exibem aos olhares indiscriminados e sem censura através das redes mundiais de computadores. No entanto, é o espaço real das cidades onde a sexualidade é mais reprimida e onde se estabelece as mais consolidadas formas de poder. Foucault, em “História da sexualidade”, aponta a origem da Idade da Repressão no século XVII, quando:

Após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo; ela faria parte da ordem burguesa.(...) Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa por menos que seja, a liberdade futura (FOUCAULT, 2007, P. 12).

A arte pública erótica dá sonoridade coletiva ao discurso silencioso do sexo, que reprimido, volta-se ao restrito espaço que lhe coube: o quarto do casal. Ainda assim, o discurso passa por limpeza das palavras, adequação aos costumes da decência, que é transfigurado, negado e reduzido ao silêncio. As expressões artísticas com conteúdos sexuais colocadas na cidade, configuradas em imagem, re-significam os espaços públicos e terminam por mediar experiências reprimidas promovendo a visibilidade do tema e a insubordinação à negação ao desejo cotidiano. Foucault defende que:

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem estas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo (FOUCAULT, 2007, P.30-31).

Compartilhar a vida sexual em sociedade foi prática de culturas antigas como as cidades gregas e romanas. A imagem do pênis ereto simbolizava força, poder e sorte e afastava os inimigos. Erguer esculturas de pênis em pedra ou madeira, *hermae*, ao redor dos muros da cidade e em frente as casas, era um costume entre os atenienses em 500 a.C. As relações sexuais foram registradas em imagens desde a pré-história, passando por culturas tão antigas quanto a egípcia ou imortalizadas nos livros indianos de educação sexual, ricamente ilustrados e sintetizados no kama sutra. Por aproximadamente mil anos, entre 500 a.C. e 500 d.C. a sociedade na Índia celebrou o prazer sexual construindo templos enriquecidos por esculturas e relevos que cobriam a fachada com verdadeiras orgias coletivas entre homens e mulheres. A compreensão da existência humana na cultura indiana era permeada por quatro áreas: a da religião e moralidade, a material, a espiritual, a do prazer físico. “Uma pessoa não pode viver uma vida plena sem uma combinação das quatro” (NORTON, 2003, p.07). Cada pessoa era estimulada a toda ação que possa aumentar o seu desejo e prazer. As culturas mais diversas, tanto no oriente quanto no ocidente, vêm expressando a importante presença do sexo na vida social, ainda que buscando silenciar o discurso sexual, como no ocidente cristão.



Foto 4 - Relevos e fachada de arquitetura Indiana I

Sexo, política e poder sempre estiveram de mãos dadas. Assim como as práticas sexuais na Grécia e Roma antigas, Índia ou outras culturas, o comportamento social situava condutas apropriadas às elites que os distinguiam perante o restante da “população”. Esta condição por si só, condiciona a vida sexual as estruturas e organizações políticas que nos séculos VI em diante vieram a desencadear uma verdadeira jornada de denúncias contra a hipocrisia da crescente burguesia e do poderoso clero, que pregavam normas de comportamento sexual sem com tudo praticá-las em seus castelos e templos. Assim, numa ação de oposição política, textos literários, romances de conteúdo sexual que descreviam a vida íntima dos conventos, igrejas e moradias burguesas, começaram a ser publicados e em seguida ilustrados com gravuras, causando grande constrangimento nos mais poderosos representantes da sociedade da época. A centralização do poder do clero na Itália, contraditoriamente as tradições pagãs, estabeleceu ali, irradiação de normas e leis em reação aos romances e gravuras que ousavam trazer à público a vida íntima da elite. Países como a Grã-Bretanha, França, Espanha e Portugal, também tiveram importância na publicação destes romances, que na sua origem, estavam ligados a reflexões filosóficas de intelectuais que costumavam frequentar prostíbulos comandados por prostitutas que conviviam e dividiam suas camas com importantes políticos e poderosos da época. A invenção da “pornografia” deve-se a uma medida de ilegalizar toda literatura ou gravura com conteúdo sexual. Numa ação desesperada e conveniente, a igreja católica junta-se a aristocracia que trava uma verdadeira guerra reforçada pela inquisição que buscou normatizar a vida sexual, criando manuais de conduta em que até mesmo as posições sexuais entre casais eram aceitas ou condenadas por leis que podiam levar à fogueira numa condenação por infração. Reforçado pela crença em Deus e na verdade cristã além do temor as forças militares do poder, as idéias de restrição e pecado instalaram-se na sociedade que quando não cumpriam as normas, passavam a condição de culpados ou assumiam internamente a condição de transgressor das leis, colocando a questão no centro silenciado e mudo da vida e da política pública. Entretanto, “os esforços da Inquisição e do Índice, em vez de erradicar este tipo de literatura, deram-lhe um status especial ao dificultar sua aquisição. Nas áreas reservadas das livrarias, os livreiros mantinham uma literatura erótica burguesa para um público ávido” (HUNT, 1999, P.59).



Foto 5 - Relevos e fachada de arquitetura Indiana II

A condição pós-moderna da sexualidade convive com contradições de uma sociedade global que debate-se e confronta-se com valores tão diversos como os papéis sexuais no mundo árabe ou a suposta liberdade sexual conquistada pelo mundo ocidental na década de 60 do século XX, no palco espetacular dos Estados Unidos da América. Conquistas ainda conservadoras e contaminadas pelos fundamentos implementados há mais de meio século que chegam ao início do século XXI condenando e discriminando pessoas por expressarem sua vida sexual, que deve-se manter no território da vida privada e inexistente no convívio social. Novas formas de organização social, em que os laços familiares se re-organizam a partir de novas propostas de convívio, incluindo as relações sexuais, sugerem soluções mais individualistas e novas formas de prazer estimuladas, também, por outros desejos deslocados do corpo compartilhado ao corpo narcisista, de um prazer idealizado e propagado pela indústria de consumo cujo fim único é a insatisfação permanente substituída pelo impulso do prazer de compra, que movimenta o mais poderoso sistema de poder atual, o capitalismo globalizado.

A arte, assim como outras esferas da sociedade atual, corriqueiramente cai nas armadilhas empresariais que privatizam e promovem ideologias convenientes aos interesses de lucro, difundindo bens simbólicos e construindo valores que atendem a confirmação destas em-

presas no disputado mercado internacional. O sexo e o erotismo na contemporaneidade, estão intimamente ligados a um mercado potencial que muitas vezes adota a arte como mediador entre a ideologia da empresa e o consumidor. Assim, tecnologias como a televisão, estão recheadas de imagens de conteúdo sensual e erótico não como deflagradores de desejo libertário do prazer do corpo com outro corpo, mas estimuladores do desejo reprimido e mudo que substitui o gozo pelo cartão de crédito.

A rede internacional de computadores coloca, agora, outra questão frente ao discurso silencioso da sexualidade: como lidar com as imagens sexuais livres, cruas e acessíveis indiscriminadamente por qualquer um que esteja interligado? A INTERNET, percebida como uma rede rizomática à semelhança das grandes cidades modernas, possibilita a reflexão de novas condutas e papéis sociais públicos que permite assistir e participar de outras formas de prazer sexual, baseados no voyerismo através da tela, que vem funcionando como uma vitrine de exibicionismo prazeroso para os atuantes da prática e redimensionando a educação e expressão sexual de novas gerações que tem agora em suas mãos, acesso a verdadeiras aulas das possibilidades sexuais humanas sem filtros ou censura. Isto estabelece também, outras relações sociais que reforçam o esvaziamento dos espaços da cidade, espaços reais, substituídos por espaços virtuais mais seguros e protegidos, mantendo o “indivíduo” moderno cada vez mais isolado em sua moradia, reservado em uma intimidade rompida através da tela do computador e manipulada muitas vezes, em ficções construídas de histórias e personalidades insustentáveis e imagens digitalizadas, fetiches de corpos irrealis e perfeitos, ao mesmo tempo estimulantes e frustrantes para quem recebe e quem envia a imagem.

A cidade moderna, em suas ruas e avenidas, estabelece relações hierárquicas de poder simbólico do capital, demarcado pela grife de bairros “nobres” e bairros sem o título de nobreza que se diferenciam pela atenção dos poderes públicos administrativos que dimensionam e estabelecem locais de convívio social, como praças, centros culturais, bibliotecas, cinemas, teatros e outros mecanismos de ampliação de conhecimento e cultura colocando em condição de poder privilegiado, uma elite financeira que sustenta a engrenagem discriminatória do discurso de igualdade democrática do espaço público, visivelmente falso, e que é fundamental na atuação dos papéis sociais públicos e

privados. Assim, as condições de acessibilidade tratam diferentemente as condições do desejo e práticas sexuais nos diferentes estratos sociais, mediadas ou não através da arte.

Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: Ed. Arx, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997.

FRIEDMAN, David M. **Uma mente própria**: a história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. São Paulo: Ed. Graal, 2007.

HUNT, Lynn (organizador). **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade de 1500-1800. São Paulo: Ed. Hedra, 1999.

NORTON, Bret. **O Kama sutra**: a essência erótica da Índia. São Paulo: Ed. Madras, 2003.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.

STEELE, Valerie. **Fetichismo: moda, sexo e poder**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.